

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**As tropeadas de porcos e as transformações na cultura cabocla – 1950-1980**

René Wagner Ramos\*

**Resumo**

O artigo discorre sobre a pesquisa que buscamos compreender historicamente as transformações da cultura, e a relação destas mudanças com o novo modelo agro-exportador introduzido no centro-sul e sudoeste do Paraná, que estabeleceu a desagregação dos sistemas de criação de porcos de safra, suas tropeadas. A partir da visão dos caboclos frente a esse processo de tensão/modificação em suas vidas.

**Palavras-Chave:** Tropeadas de Porcos; caboclos; história do Paraná.

**Abstract**

The article discourses on the research that we looked for to understand the transformations of the culture, and the relationship of these changes historically with the new I model agriculture-exporter introduced at the center-south and Southwest of Paraná, that it established the disaggregation of the systems of creation of crop pigs, your tropeadas. Starting from the vision of the mestizos front to that tensão/modificação process in your lives.

**Word-key:** Tropeadas of Pigs; mestizos; history of Paraná.

A análise da ocupação histórica das margens do Iguaçu e do modo de vida das famílias ribeirinhas anterior aos empreendimentos hidrelétrico de Foz do Areia e Segredo no médio Iguaçu é essencial para a compreensão do impacto e das transformações na trajetória histórica dessa comunidade após a implantação da UHEs, problemática central deste artigo.

Para tanto, o artigo descreve e analisa o surgimento e a estruturação do modo de vida ribeirinho, entre os quais a criação de porcos em sistema de safra e as tropeadas destes animais, fato conhecido na memória regional, mas carente de pesquisa histórica. As entrevistas orais<sup>1</sup> foram fundamentais para a compreensão do surgimento do modo de vida ribeirinho.

**1. Geografia local, mito do isolamento e tipo de produção ribeirinha.**

Nossa análise procura compreender qual é a relação entre os caboclos ribeirinhos e o relevo do *vale* e se, aliado as dificuldades de acesso da região, isso acabou interferindo na conformação do modo de vida e o sistema de criação de porcos de safra com suas tropeadas.

---

\* FG/SEED-PR. [renewramos@uol.com.br](mailto:renewramos@uol.com.br)

<sup>1</sup> As entrevistas foram realizadas com vários ribeirinhos reassentados, moradores dos reassentamento de Segredo I, II, III e IV. As entrevistas foram coletadas de abril de 2003 a julho de 2004. Também foram entrevistados ribeirinhos que permaneceram nos lotes remanescentes como Horn Harry Schimidt e Antoninho Marques Siqueira. Ainda outras entrevistas importantes para o esclarecimento do processo histórico foram realizadas com Casemiro Rodrigues da Silva, ex-presidente do STR de Mangueirinha, além de funcionários responsáveis pela execução do reassentamento pela Copel como Afonso Herzer.

Para isso, a memória foi imprescindível, possibilitando-nos a conhecer as dificuldades e facilidades de habitar a encosta da escarpa do rio Iguaçu.

O Relatório de impacto ambiental da usina de Segredo constatou que a declividade média do *vale do Iguaçu* era de 30%, com entalhamento médio que variava entre 260 e 580 m na margem esquerda e 460 e 580 m na margem direita (COPEL, 1987, p. V-21). Portanto, esse vale encaixado, cujas encostas em forma de terraços, apresentavam a declividade já citada, muito inclinado, aliado à falta de estradas, criava dificuldades de acesso à região, mas não um isolamento, aspecto muito referenciado nas falas dos reassentados e remanescentes. Essa falta de estradas e a dificuldade de acesso à região foram lembradas no depoimento de Horn Harry Schimidt, proprietário de 68 alqueires inundados pelo reservatório. Questionado sobre como sua família havia chegado ao local, ele relatou: “Meu pai nos trouxe em uma carroça em 1954, não tinha estrada, tinha que abri no facão e foice. De Pato Branco até aqui na beira do rio demorô 15 dias”.

Esse mito do isolamento explorado pelo Rima, foi utilizado pela Copel nas justificativas a sociedade regional do impacto da construção da usina hidrelétrica Governador Ney Braga, pois a empresa afirmava que a obra estavam abrindo estradas que iriam integrar essas comunidades caboclas “isoladas” a “civilização”, que permitiriam o acesso das crianças a escola e outros beneficiamentos como posto de saúde.

A grande declividade e a profundidade do *vale* criaram as condições naturais para o surgimento de um microclima no seu interior que impedia, naturalmente, a ocorrência de geadas fortes. Essa característica física do microclima da região do *vale* do rio Iguaçu é de grande importância para a compreensão do tipo de produção praticada pelos ribeirinhos, porque, o risco de geadas fortes e destrutivas para a agricultura era menor em relação ao planalto. Dessa forma, eles não tinham grande preocupação com perdas de safras relacionadas ao inverno. Outro fator estudado foram as condições de fertilidade natural do solo. A adubagem natural foi um fator referido em praticamente 90% das 110 entrevistas feitas de 1988 a 1991. Eroidi de Oliveira Soares, cuja família foi proprietária de quarenta alqueires inundados pelas águas, descreveu o relevo da região:

*[...] era muito dobrada, pra nós descer lá, nós tinha de apertá muito bem a rinha do cavalo, bem atrás da barriga pro arreio não para no pescoço do cavalo, era muita descida, sabe era um negócio inimaginável. Como nós era herói, descer lá*

*embaixo pra plantar a roça e criar os porcos lá. Plantava milho e pouco de feijão, mais milho, na época por ser o terreno muito dobrado e naquele não existia lavoura mecanizada, era mais roça no toco, a produção era uma coisa assustadora, apesar da área dobrada, era muito férteis[...] (SOARES, 17 abr. 2004)*

As características geográficas da região do vale médio do rio Iguaçu, aliadas à falta de vias de transporte, acabaram dificultando a essas comunidades do contato permanente com as sociedades urbanas mais complexas. As condições naturais do vale e a ocupação dos Campos de Guarapuava através da concessão de gigantescas sesmarias dedicadas à criação ou a invernadas do gado acabaram não atraindo grande contingente populacional, de modo que a região praticamente ficou com uma baixa densidade demográfica até meados da década de 1920 (WACHOWICZ, 1995, p. 169-173). Assim, possibilitou-se o surgimento de um sistema econômico que tinha como base o sistema de troca, uma economia quase amonetária voltada à subsistência. A topografia da região, com terrenos com alto grau de inclinação, solo muito rochoso e bastante acidentado, a falta de acesso a instrumentos mecanizados acabaram não permitindo uma exploração maior das terras pelas famílias ribeirinhas durante os séculos XIX e XX. Assim, utilizavam-se dos recursos naturais existentes para complementar a agricultura e a criação de animais, como a extração da madeira, de erva-mate, a pesca, as frutas, a caça, portanto um sistema integrado.<sup>2</sup>

A madeira era utilizada para fazer a moradia de pau a pique e utensílios domésticos, como gamela, pilão, cangalha, cadeira, mesa, etc. A criação de cavalos e de gado bovino destinava-se à utilização na lavoura, para o tracionamento de carroças, do arado e como meio de transporte. A erva-mate era extraída da mata para o consumo próprio e, quando havia sobra, para troca com produtos, como querosene, sal, açúcar e café nas bodegas. Segundo os depoimentos, a pesca não representava um complemento alimentar cotidiano, pois, apesar de habitarem as margens do rio, não era um hábito comum entre os ribeirinhos; a caça era mais comum, especialmente a da capivara, dos cervos e do tatu.

A agricultura praticada pelos ribeirinhos em 1982, quando do início do levantamento da Copel, era agricultura com utilização da força animal e manual com um sistema trocas intermediadas pelos comerciantes do planalto, em terrenos inclinados, inclusive sem a construção de curvas nível, sem utilização de adubos ou qualquer tipo de implemento agrícola mecânico. A produtividade, apesar da fertilidade do terreno, já apresentava declínio

---

<sup>2</sup> A caça, pelos depoimentos das famílias, era uma prática muito comum não só para a complementação alimentar, mas também como entretenimento: “Lembro bem que o pai era um dos maior caçador, chegou a caçar num único dia 10 macaco prego e 12 quati [...] Eles caçava por gosto, não era só pra comida, era a diversão! Ainda hoje o pessoal caça escondido nas matas da Fazenda da Fiatlux”. (SIQUEIRA, Entrevistado em 17 abr. 2004).

em razão do sistema de plantio, pois colheita após colheita, os agricultores lavravam a terra, o que provocava uma enorme perda da camada de terra fértil, levada pela água das chuvas.

Essa agricultura era praticamente toda manual, com a utilização dos animais para tração do arado, “agricultura de toco” como nominada pelas famílias, feita com o uso de implementos de manejo manual e de tração animal.

O modelo de agricultura praticada resultava numa produtividade suficiente para o sustento das famílias e para as trocas na bodega por outros produtos como o sal, por exemplo, exigindo a ocupação de áreas cada vez maiores para a agricultura. O sistema de agricultura praticada pelos caboclos ribeirinhos é tratada no Rima como uma agricultura precária, pois o modelo comparativo não era de uma agricultura familiar, mas de uma agricultura de exportação e o que provoca distorções na comparação e levaram a comunidade ao senso comum que esse tipo de agricultura não seria viável e que o modelo proposto pela empresa seria o mais *moderno e produtivo*.

Nas suas lembranças, os ribeirinhos sempre enfatizaram a excelente produtividade natural do solo e a baixa produtividade do local onde foram posteriormente reassentados nos campos de Palmas, entrando em choque com a conclusão do Rima. Essa contradição é desvendada quando eles mesmos revelam que não conheciam as técnicas de plantio direto, praticando lavra da terra para a preparação das colheitas, o que deveria aumentar a quantidade de solo perdido com as chuvas e erosões, diminuindo, conseqüentemente, a produtividade, mas a preservação da mata não permitia tão efeito, por isso é tão constante a afirmação dos caboclos ribeirinhos sobre a excelente produtividade nas margens do rio Iguaçu. Nos poucos lotes onde se praticava o plantio direto e mecanizado, a produtividade sempre foi muito elevada, como a fazenda de Horn Harry Shimith, que afirmou colher quatrocentas sacas de milho por alqueire sem usar nenhum adubo nem corrigir a terra com calcário e uréia.

Uma das poucas alternativas econômicas rentáveis da população ribeirinha adaptada às condições econômicas daquele momento histórico, entre de 1930 e 1974, foi o sistema da safra de porcos. No sistema de safra plantavam-se cerca de vinte alqueires de milho onde se soltavam os porcos durante três a quatro meses para a engorda. A criação de porcos era conhecida como “safra de porcos” e foi, certamente, uma das poucas alternativas de inserção no mercado econômico, assim descrita por Eroidi Oliveira Soares:

*[...] meu pai fazia de dez a quinze alqueires, não usava adubo, daí eles pegavam no sistema rudimentar ainda, roçava lá e atirava fogo e depois plantava o milho, mas as espiga de milho [...] O que meu pai e todos os outros vizinhos, família Blém, os Ramalho, os Caldas, o que eles faziam, engordava o porco, naquele tempo o gado*

*não tinha preço, naquela época, incrível! O gado não tinha preço, o que tinha preço era o porco[...].(SOARES, 17 abr 2004)*

A questão da safra, sua importância e situação de engorda rápida dos porcos, mereceu o seguinte comentário de Erol di Oliveira Soares:

*[...] meu pai, meus tios e os vizinhos daqui de Santo Antônio, enfim de toda região, engordava cem a duzentos porco por ano, fazia aquela roça, soltava os porcos lá. Então, fazia roça, só comia o milho, mas em três a quatro meses, quatro meses mais precisamente, você levava o leitão pequenininho, aquele porco bem magrinho. Eu lembro, os Blém, também meu pai, vendia porco com quase 200 quilos, sabe, dava um dinheiro bom.[...]. (SOARES, 17 abr 2004)*

A situação econômica era de certo isolamento em relação ao mercado agropecuário, pois o gado, o milho e outros produtos agrícolas não tinham demanda de comercialização, em parte, pela falta de estradas que permitissem o acesso aos mercados consumidores e a comunidades urbanas. A falta de uma infra-estrutura que facilitasse a comunicação com a população ribeirinha acabou, inclusive, transformando o modo de vida de descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses em costumes caboclos, como analisa Zarth (1997, p.129): “[...] quando se observava que os laboriosos germânicos praticavam, em vários locais, uma agricultura tipicamente cabocla, tornando-se alemães *caboclistizados*.

Para Antoninho Siqueira, um dos moradores mais antigos do local, o sistema de produção da população ribeirinha tinha como base a agricultura de subsistência, ou seja, plantava-se o necessário ao consumo da família. Os ribeirinhos seriam descendentes de trabalhadores que tinham chegado à região em busca de trabalho com a safra de porcos. A respeito, o entrevistado ainda contou:

*[...] a safra necessitava de muitas pessoas, porque nós cortava queimava a mata e plantava milho e hora que tivesse no começo da brota soltava os porcos. Deixava eles no local até o tempo de recolher para a engorda, dava um bom dinheiro. Nos anos 1960, começou a decadência e esses trabalhadores confiança acabavam ficando como agregado na beira do rio, gente honesta nós deixava fica num pedacinho de terra [...].(SIQUEIRA, abril 2004)*

Nesse sistema econômico, a moeda nacional não tinha grande importância; a dimensão da riqueza adquiriu outros contornos, que não eram os mesmos da sociedade capitalista, ou seja, não havia entre os ribeirinhos o desejo da ambição pela riqueza, tão característico na sociedade do capital. Efetivamente, o que ligava esses trabalhadores aos fazendeiros era o compadrio.

Essa forma de relacionamento entre fazendeiros, agregados, posseiros e arrendatários fazia parte do sistema de compadrio, que transforma um desconhecido em “parente”. Essa relação entre o fazendeiro e o agregado foi estabelecida pela religião através do batismo e, na região do reservatório, acabou fortalecida pela religiosidade popular, pois concebe-se o compadre como um segundo pai. Essa relação social, portanto, acabou criando um código de honra baseado na lealdade entre ambas as partes, que muitas vezes extrapolava a simples troca de gêneros alimentícios ou de trabalho, atrelando a vida dos filhos dos caboclos ao fazendeiro.

## **2. As Tropeadas de Porcos**

Sobre as tropeadas de porcos foram uma atividade econômica de destaque na região sudoeste e centro-sul do estado. Era uma prática desenvolvida no verão, na entressafra da colheita do mate, quando os porcos eram criados soltos, como pode ser observado ainda hoje na região do reservatório. Os porcos eram vendidos aos safristas, que os conduziam em forma de tropeada até os centros consumidores, seu destino final, no caso, Ponta Grossa. Talvez essa atividade tenha sido o primeiro contato dos caboclos com um modelo de economia capitalista, que introduziu a monetarização nas relações de troca.

Os porcos eram conduzidos em tropeadas com cerca de 200 a 400 animais, com destino ao frigorífico dos Matarazzo, no município de Jaguairaiva, onde eram transformados em banha para a exportação ao mercado europeu. A distância percorrida era longa, do sudoeste e centro-oeste paranaense até o local, variava de 200 a 300 Km.

Frente ao contexto de transformações na cultura cabocla é importante cotejar os aspectos políticos, tendo presente que com a produção dos porcos outros setores desvelaram-se para a prática política como é o caso dos fazendeiros e produtores de banha que ocuparam espaço significativos e puderam interagir na transformação sócio econômica da região em análise, logicamente afetando diretamente o modo de vida caboclo. Assim analisamos como essa atividade econômica inseriu-se no poder da política regional, pois desta programaram-se na região indústrias de banha, que levariam seus proprietários a gozarem de proximidade com poder e o prestígio regional, e também podemos afirmar como nacional, como no caso do Conde Matarazzo, dono de indústrias de banha em Jaguairaiva.

A compreensão da importância da safra de porcos e suas tropeadas foi necessário para entender porque e como essa atividade econômica entrou em crise, desaparecendo, novamente motivando transformações/rupturas com a cultura cabocla. Pela análise seu desaparecimento e estaria relacionado com a chegada do modelo de agroexportação da soja e

da produção de porcos atrelados as grandes cooperativas ou empresas como a Sadia e Perdigão, sendo esse momento o de desorganização final, o autor acredita, do modo de vida caboclo, sendo assim silenciado essa forma de viver, que caracterizou um personagem importante da história do Paraná, que merece reconhecimento e todo o esforço possível para emergir das "sombras da historiografia".

As alterações no modelo caboclo podem ser observadas pelo prisma das mudanças no hábitos de alimentação, tendo em perspectiva que no sistema alimentar da região a presença do feijão, arroz, frutas, carne de porco, verduras, milho era uma constante que foi alterada para um sistema alimentar baseado em carne de bovina, carboidratos e açúcar, provocando uma grande mudança no campo pela necessidade de complementar a alimentação do gado com principalmente a utilização da soja, com conseqüências que ultrapassam as sociais e econômicas, mas atingem a cultura onde um modo de vida e seus significados entre os quais a relação com os alimentos, e em especial, com o porco foi alterada nova configuração do agronegócio voltado à exportação de grãos.<sup>1</sup>

### **Considerações Finais**

Portanto foi fundamental analisar como atividade iniciou-se e por que entrou em crise no período do governo de Geisel, que pelos depoimentos coletados o incentivo às grandes cooperativas e empresas, como a Sadia e a Perdigão, que passaram a monopolizar e a dinamizar a produção, trazendo em conseqüência, a queda dos preços dos suínos, foi dos motivos do fim desse sistema. Explicamos como e por que nasceu e prosperou na região o tropeirismo de porcos, em contradição com pesquisas sobre o assunto como em Silva (1997) que afirma o "tropeirismo não foi capaz de criar outras formas alternativas de produção que pudessem suportar períodos de crise, desestimulando a produção agrícola de produtos básicos de alimentação" Segundo Silva, no início do século XX, a atividade do tropeirismo teria entrado em declínio conjuntamente com a sociedade tradicional campeira da região. Segundo essas pesquisas a crise imobilizava a atividade, mas demonstramos que nesse momento histórico de crise da pecuária, houve o surgimento do porco como alternativa econômica e alimentar, surgindo fábricas de banha e tropeadas constantes para o abastecimento, que no mínimo é uma contradição com as pesquisas, até então. Inclusive na memória de produtores esse sistema teria sido mais lucrativo que a pecuária e influenciado modificações na cultura cabocla aqui em apreço.

### **Referências Bibliográficas**

- BODEI, Remo. *A história têm sentido?* Bauru: Edusc, 2001, p. 58.
- CARNEIRO, Henrique S. Comida e Sociedade: Significados Sociais da História da Alimentação. In: Revista História: Questões e debates, Curitiba: EDITORA UFPR, n. 42, p. 72, 2005.
- COPEL, MDK e CENCO.. *Relatório de impacto ambiental da usina de Segredo – Rima*. Curitiba, Copel, 1987, V-21.
- DIEHL, Astor Antonio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: Edusc, 2002.
- LE GOFF, J.; NORA, Pierre (Org.). *História: novos problemas*. 3 ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LEVI, Giovanni. *Sobre micro-história*. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 142.
- KUJAWA, Henrique Aniceto. *Cultura e religiosidade cabocla: movimento dos monges barbudos no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2001, p. 23.
- MARCON, Telmo. *Memória, história e cultura*. Chapecó: Argos, 2003, p. 182-183.
- MARCONDES, Gracita Gruber. *Guarapuava: História de lutas e trabalho*. Guarapuava: Unicentro, 1998.
- MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 36.
- RAMOS, René Wagner. *O impacto da Construção da usina Governador Ney Braga*. (Dissertação de Mestrado em História): UPF, Passo Fundo, 2005.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *História da Alimentação no Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.
- SAVI, Juscelino de Pierre. Entrevistado pelo autor em 22 jun. 2004.
- SCHIMIDT, Horn Harry. Entrevistado pelo autor em 22 set. 2003.
- SIQUEIRA, Antoninho Marques. Entrevistado pelo autor em abr. 2004 em Reserva do Iguaçu.
- SILVA, Joseli Maria. Processos econômico-sociais regionais e seus impactos sobre a estrutura urbana de Guarapuava. In: Revista de História Regional, UEPG, vol. 2, nº 1, 1997.
- SOARES, Eroidi de Oliveira. Entrevistado pelo autor em 17 abr. 2004. Cartorário do município de Reserva do Iguaçu.
- WACHOWICZ, Ruy C. *História do Paraná*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1995, p.169-173.
- \_\_\_\_\_. *Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1987.
- WESTPHALEN, Cecília M. *História Nacional, História Regional*. Curitiba, n. 3, jun, 1977, p. 30.
- ZARTH, Paulo Afonso. *História agrária do planalto gaúcho 1850 – 1920*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997, p. 129.